

Etnobotânica histórica das plantas úteis do Maranhão francês no século XVII segundo a obra do frei Ivo d'Evreux

**Historical ethnobotanics of useful plants in the french Maranhão in the 17th century according to
the work of frei Ivo d'Evreux**

**Etnobotanica historica de las plantas utiles del Maranhão frances en el siglo XVII segun la obra de
fray Ivo d'Evreux**

Recebido: 12/12/2022 | Revisado: 23/12/2022 | Aceitado: 24/12/2022 | Publicado: 28/12/2022

Warmiston Carvalho Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2294-4593>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: warmiston.cg@gmail.com

Maria Ivanilde de Araujo Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1463-1976>

Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

E-mail: miar29@gmail.com

Jairo Fernando Pereira Linhares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6307-7027>

Pesquisador independente, Brasil

E-mail: jairoivini29@yahoo.com.br

Resumo

Antes da chegada da família real portuguesa em 1808 não havia ciência propriamente dita no Brasil, somente crônicas e relatos de viajantes e missionários, desta feita, coube ao padre francês Ivo D'Evreux, fazer registros etnográficos sobre o modo de vida e costumes dos povos Tupinambás, bem como, descrições da flora e fauna em terras maranhenses. O objetivo geral deste estudo foi o de resgatar a história natural da flora pretérita do Maranhão no século XVII, referente as plantas utilitárias, através de pesquisa documental da obra A Viagem ao Norte do Brasil escrita pelo padre Ivo D'Evreux buscando-se, mais especificamente, conhecer as espécies, suas procedências e seus usos. Foram extraídos, 17 etnônimos dos quais 88,2% (n=15) foram identificadas ao nível de família, gênero e espécies e, 11,8% (n=2), não tiveram suas identidades botânicas identificadas. Do total, 83,3% (n=14) são compostas por espécies nativas e, 17,6% (n=3) por espécies exóticas. Com relação aos usos, a alimentação humana obteve o maior índice de citações 35,3% (n=6). Os usos utensílios e óleos/azeites figuraram com 22,2% (n=4) e construção com 17,6% (n=3). Tais resultados demonstram um aproveitamento da biodiversidade florística encontrada na época, constatando-se que estudos dessa natureza contribuem para maiores conhecimentos e pesquisas referentes a centros de origem e dispersão de espécies, domesticação, deslocamentos humanos, extinção de espécies locais e desenvolvimento de novos produtos, entre outras possibilidades.

Palavras-chave: Flora pretérita; Plantas úteis; Pesquisa documental.

Abstract

Before the arrival of the Portuguese Royal Family in 1808, there was no science in Brazil, only chronicles and reports from travelers and missionaries, so it was up to the French priest Ivo D'Evreux to make ethnographic records about the way of life and customs of the Tupinambás people, as well as descriptions of flora and fauna in Maranhão. The general objective of this study was to rescue the natural history of Maranhão's past flora in the XVII century, referring to utilitarian plants, through documental research of the work A Viagem ao Norte do Brasil written by Father Ivo D'Evreux, seeking, more specifically, to know the species, their origins and their uses. Seventeen ethnomonads were extracted, of which 88.2% (n=15) were identified at the level of family, genus and species, and 11.8% (n=2) did not have their botanical identities identified. Of the total, 83.3% (n=14) are composed of native species and 17.6% (n=3) of exotic species. Regarding uses, human food had the highest rate of citations 35.3% (n=6). The uses were utensils and oils/oils/oils with 22.2% (n=4) and construction with 17.6% (n=3). These results show the use of the floristic biodiversity found at that time. Studies of this nature contribute to greater knowledge and research regarding centers of origin and dispersal of species, domestication, human displacement, extinction of local species and development of new products, among other possibilities.

Keywords: Prehistoric flora; Useful plants; Documentary research.

Resumen

Antes de la llegada de la familia real portuguesa, en 1808, no había ciencia en Brasil, sólo crónicas e informes de viajeros y misioneros, por lo que correspondió al sacerdote francés Ivo D'Evreux realizar registros etnográficos sobre el modo de vida y las costumbres del pueblo tupinambás, así como descripciones de la flora y la fauna de Maranhão. El objetivo general de este estudio fue rescatar la historia natural de la flora pasada de Maranhão en el siglo XVII, referente a las plantas utilitarias, a través de la investigación documental de la obra *A Viagem ao Norte do Brasil* escrita por el Padre Ivo D'Evreux, buscando, más específicamente, conocer las especies, sus orígenes y sus usos. Se extrajeron 17 etnomonas, de las que el 88,2% (n=15) se identificaron a nivel de familia, género y especie, y el 11,8% (n=2) no tenían identificada su identidad botánica. Del total, el 83,3% (n=14) está compuesto por especies autóctonas y el 17,6% (n=3) por especies exóticas. En cuanto a los usos, la alimentación humana obtuvo el mayor índice de citas 35,3% (n=6). Los usos fueron utensilios y aceites/aceites con un 22,2% (n=4) y construcción con un 17,6% (n=3). Estos resultados demuestran el aprovechamiento de la biodiversidad florística encontrada en la época. Estudios de esta naturaleza contribuyen a un mayor conocimiento e investigación sobre centros de origen y dispersión de especies, domesticación, desplazamiento humano, extinción de especies locales y desarrollo de nuevos productos, entre otras posibilidades.

Palabras clave: Flora prehistórica; Plantas útiles; Investigación documental.

1. Introdução

O processo de colonização europeia das Américas se deu por conta da expansão territorial de seus domínios e pela busca de novos mercados (Jesus & Silva, 2021). Muito embora, essas viagens de conquistas de novas terras tivessem como argumento a difusão da fé cristã. Não obstante, Bosi (1992), conclui que o processo colonial europeu foi marcadamente de domínio sobre os recursos naturais existentes nas terras recém conquistadas, bem como, de seus povos, sob a argumentação do chamado processo civilizatório.

Nesse sentido, seguindo essa mesma lógica do processo civilizatório, em 1612 a França deu início a criação da chamada, França Equinocial, que se estabeleceu em terras maranhenses, a partir da instalação de uma sede administrativa, militar e religiosa (Torrão & Caires, 2012).

Sob o comando de Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, por determinação da Rainha Regente Maria de Médicis, que ordenou ao padre Léonard, Provincial da Ordem dos Capuchinhos de Paris, que arregimentasse quatro religiosos para integrar a expedição, sob a justificativa de evangelizar os povos nativos das terras recém conquistadas.

Dentre os missionários arregimentados, estavam os padres capuchinhos, Claude d'Abbeville, Arsène de Paris, Ambroise d'Amiens, e Ivo D'Evreux (Meireles, 1977, p.17). Destes, foi designado o padre Ivo D'Évreux, para ser o superior e chefe da missão religiosa (D'Abbeville, 2008, p. 20). Dessa forma, Amoroso (1998) aponta que a Ordem Religiosa dos Capuchinhos, tinha uma responsabilidade não só religiosa com relação aos nativos, como também de exercer um domínio sobre esses povos.

Dito isto, para que os colonizadores se estabelecessem no Brasil, tinham que se adequar às circunstâncias locais (Kury et al, 2009). De acordo com Leite (1995), os viajantes que chegaram durante o período colonial, eram encarregados de desvendar as riquezas e utilidades dos recursos naturais aqui existentes. Para que isso fosse possível, várias expedições foram realizadas com o propósito de se entender e conhecer os recursos naturais que poderiam ser explorados, originando assim, as crônicas dos viajantes. Nesse sentido, o estudo desses registros históricos, coloca-se como uma importante ferramenta investigativa acerca de diferentes aspectos da relação existente entre sociedades humanas e as plantas (Medeiros, 2009).

Nos dois anos que o padre Ivo D'Evreux permaneceu em terras maranhenses (1612 – 1614), se ocupou de registros etnográficos por meio de crônicas relatando o modo de vida e costumes dos povos Tupinambás, bem como, descrições da flora e da fauna. Por assim dizer, “Ivo D'Evreux não foi somente um pintor hábil, um narrador sincero, e sim também um observador perspicaz dos costumes de uma raça, para assim dizer extinta, e que não poderia consultar frequentemente” (D'Evreux, 1874, p.30).

Nesse sentido, a obra, *Viagem ao Norte do Brazil* escrita pelo padre Ivo D'Evreux, produzida entre os anos de 1613 e

1614, e publicada pela primeira vez em 1674, apresenta vários relatos acerca das características sociais, culturais e naturais do Norte do Brasil registradas durante sua missão pelo Maranhão.

Por outro lado, o conteúdo existente na obra revisitada nos traz elementos importantes sobre a apropriação dos recursos naturais das terras recém conquistadas por parte do colonizador europeu, através do saber nativo, o que nos remete a resgatar esse registro a partir de uma perspectiva etnobotânica.

Não obstante, para Albuquerque et al. (2022), a chamada etnobotânica histórica, configura-se como um campo da etnobotânica que se utiliza de análise minuciosa e interpretativa de documentos históricos acerca do uso de plantas. Complementarmente, Medeiros (2013), coloca essa ciência com um caráter multidisciplinar entre a história, biologia e a antropologia.

Nesse sentido, a obra, *Viagem ao norte do Brasil* ocupa-se do registro do conhecimento que os Tupinambás possuíam sobre a flora local. Dentro dessa perspectiva, Valle et al. (2018), chamam a atenção para o fato de que a busca por informações pretéritas, acabam por trazer elementos culturais que interferem no pensamento presente e em ações futuras nos mais diversos campos do conhecimento.

Vale registrar que o Padre Ivo não foi o único missionário que esteve em terras maranhenses com o propósito de descrever a flora encontrada no Estado, podemos citar: O frei capuchinho Claude d' Abbeville, que esteve no Maranhão entre os anos de 1612 – 1614 onde em sua obra *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e circunvizinhanças* fez registros etnobotânicos de 67 espécies de uso alimentício (Tomchinsky & Ming, 2019). O frei Cristóvão de Lisboa, na obra *História dos animais e árvores do Maranhão* de 1631, fez o registro da flora e da fauna encontrada no Estado (Linhares et al. 2018). O padre luxemburguês João Felipe Bettendorf, também foi um dos missionários que esteve no Maranhão e em sua obra *Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* faz menção a vários aspectos culturais e de plantas úteis da época (Bettendorff, 2010).

Por fim, este trabalho teve por objetivo resgatar a história natural da flora pretérita do Maranhão no século XVII, a partir de pesquisa documental da obra, *A Viagem ao Norte do Brasil*, escrita pelo padre Ivo D'Evreux, mais especificamente, conhecer as espécies, suas procedências e seus usos.

2. Material e Métodos

Para coleta dos dados foi consultada a versão fac-símile da obra do padre Ivo D'Evreux, intitulada: *Viagem ao Norte do Brasil*, publicada e traduzida para o português em 1874, por César Augusto Marques, a partir da versão original publicada em 1674, intitulada “*Voyage dans le nord du Brésil*”. Esta obra configura-se como a principal fonte documental para elaboração e investigação de dados botânicos, para efeito deste estudo denominada referência direta (RD).

2.1 Identidade botânica

No que se refere a pesquisa botânica propriamente dita, a identificação científica da planta, se torna uma questão primordial, mesmo envolvendo pesquisa em fontes documentais históricas, onde as normas nomenclaturais vigentes não vigoram. Dito isso, para a elucidação da identidade botânica, os etnônimos foram extraídos, tal qual como encontrados na obra, e, passaram a denominar-se para fins dessa pesquisa de referência direta – RD - mantendo-se a versão paleográfica da fonte documental pesquisada (Medeiros, 2009).

Por outro lado, merece destaque o emprego de etnônimos de origem Tupi registrados em obras escritas por missionários franceses e seus patrícios, como explica Garcia (1927):

“O capuchinho francês, como seus compatriotas que trataram do Brasil nos dois primeiros séculos de conquista, imprimiu aos vocábulos tupis que transcreveu forma puramente franceza, ou afracezada, algumas vezes arbitrária e caprichosa”.

Nesse sentido, Garcia (1927), aponta para a existência de uma equivalência fonética entre os etnônios afrancesados encontrados na RD e os correspondentes registrados por missionários de origem ibérica. Daí conclui-se que o contato linguístico entre falantes de diferentes línguas em situação de proximidade, seja de ordem geográfica ou social, resulta comumente em empréstimos linguísticos e interferências no idioma (Peixoto, 2020).

Diante do exposto, para a elucidação da identidade botânica, recorreu-se inicialmente ao trabalho de Garcia (1927) – “Palavras e phrases da língua tupi, contidas na “Histoire da la mission des pères capucins em l’isle de Maragnan et terres circonvoisines”, do padre Claude D’Abbeville.

Em decorrência da existência de uma equivalência fonética existente entre os etnônios contidos nos escritos dos missionários franceses e seus patrícios nos dois séculos iniciais do Brasil e os registros de missionários de origem ibérica, foram consultados os trabalhos de Miranda (1942), Edelweiss (1969), Betts (1981).

Paralelamente, buscou-se o esclarecimento das identidades botânicas a partir de descrições de plantas contidas na própria obra, como pode ser observado no exemplo a seguir:

“Ha espinhos, que dirieis serem creados por Deos para representar o mysterio da paixão de Jesus Christo, porque crescem formando ramilhetes quatro em cima, equidistantes á maneira de uma Cruz, e um no cume com a ponta virada para o Ceo, ornado de nove folhas, dispostas como tres raminhos, cada um com três espinhos, que em tempo próprio se transformam em tres flores, ficando o espinho maior no centro. São estes cinco espinhos os instrumentos das cinco chagas de Jesus-Christo. Cercando a corôa de espinhos seo Chefe, como o espinho de cima é cercado de folhas, isto é, de pecados e de vaidades das tres idades do mundo, na lei da natureza, escripta e de fé, cujos peccados e imperfeições se transformam, pelo merecimento do sangue de Jesus Christo, em flores da Graça, em boas obras, e na recompensa da gloria.” (D’Evreux, 1874, p.145).

Outro aspecto a ser considerado na elucidação da identidade botânica é a existência de corruptelas. Pois, a partir do reconhecimento dessa possibilidade, buscou-se comparar características das plantas descritas na RD com as descrições existentes em manuais de plantas produzidos na atualidade (Linhares et al. 2018).

Por fim, o emprego de etnônios apresenta suas limitações. Se, por um lado, é fundamental para caracterização das espécies, por outro, pode levar a ambiguidades quando um mesmo etnônimo se refere a espécies distintas, ou ainda, quando vários etnônios podem se referir a uma única espécie (Vásquez et al., 2014). A nomenclatura botânica teve como base de dados The International Plant Names Index – IPNI (2022), Missouri Botanical Garden’s VAST (VAScular Tropicos) nomenclatural data-base – W3 Tropicos (2022), Flora e Funga do Brasil (2022) e literatura especializada. A abreviatura dos nomes dos autores das espécies seguiu Brummitt e Powell (1992).

2.2 Procedência das plantas

Tratando-se da procedência dos vegetais encontrados na obra, consultou-se literatura especializada após a confirmação da identidade botânica. As plantas que não tiveram as suas identidades botânicas identificadas por meio dos seus etnônios, foram consideradas de origem nativa, baseando-se em fatos históricos. De acordo com Linhares et al. (2018), a intensificação de plantas exóticas aconteceu de maneira gradual no período da colonização a partir da vinda da família real e da criação dos primeiros jardins botânicos.

2.3 Usos

Por se tratar de pesquisa baseada em fonte documental histórica, os registros acerca dos usos das plantas foram feitas de acordo com o emprego dado pelos povos nativos da época. Não obstante, para efeito da extração dos dados foram tomados como princípios norteadores, os estabelecidos por Posey (1986):

A metodologia dessa ciência começa por investigar os conceitos e relacionamentos estabelecidos pelos grupos indígenas dentro e entre as categorias cognitivas. [...] A própria elaboração das subcategorias constitui um guia êmico, isto é, visto de dentro, que permite penetrar no âmago dos sistemas, fornecendo um indício seguro do seu significado cultural. Uma vez descoberta as categorias indígenas definidoras de fenômenos naturais, os especialistas nos diversos campos científicos podem dar início à coleta de dados referentes às suas respectivas especialidades, tais como a etnoentomologia, etnobotânica, etnofarmacologia, etnopedologia, etnogeologia, etc.

Com relação aos usos atribuídos às referências diretas foram extraídas da obra, analisadas e posteriormente agrupadas por afinidades de usos.

3. Resultados

3.1 Identidade botânica

Do total de dezessete RD extraídas da obra, foram identificadas da seguinte forma: 12 famílias botânicas, 15 ao nível de gênero e 15 espécies, 02 RD não foram identificadas por conta da ausência de elementos no texto que permitissem sua identificação botânica levando-se em consideração a nomenclatura atual sendo elas *Acaiukantin* e *Muay*. Dentre as famílias botânicas com maior número de representantes figuram: *Arecaceae*, *Euphorbiaceae* e *Poaceae* representando 11,11% (n=2) respectivamente.

3.2 Usos

Com relação aos usos atribuídos às plantas encontradas, a alimentação humana consta com uma maior citação 35,3% (n=6). Os usos utensílios e óleos/azeites figuraram com 22,2% (n=4). Utensílios feitos de plantas ou partes delas foi mencionado na obra, onde ao observar o modo de vida dos indígenas, o padre Ivo D'Evreux destacou alguns empregos como no seguinte trecho onde os indígenas utilizavam cucas ou cabaças feitas a partir da planta *Crescentia cujete*, para acondicionar água: "Não conduzem após si muita bagagem, pois contentam-se com seus arcos, flexas, machados, um pouco de cauí, algumas cabaças para guardar agoa [...]" (D'Evreux, 1874, p.191). Com relação à utilização óleos e azeites feitos a partir de plantas, destaca-se o seguinte trecho: "Cozinham muito bem suas comidas, e não usam d'ellas meias cozidas ou aferventadas, sendo n'isto mais cuidadosos do que os Francezes. Untam-se com azeite de palmas, de urucú, e de genipapo que tem sempre em abundancia." (D'Evreux, 1874, p.164).

O uso de plantas para construção também é expressivo 17,6% (n=3), como por exemplo a pindoba (palmeira jovem cujo caule ainda não emergiu do solo) e a palma (palmeira adulta), ambas correspondem a fases de desenvolvimento da palmeira babaçu (*Attalea speciosa*) como mostra o seguinte trecho da obra: "Não devem passar através da parede das casas, somente feita de pindoba, ou de ramos de palmeira, ao contrário são criminosos de morte, porque devem passar pela porta, commum, ou atravez da parede de palmas." (D'Evreux, 1874, p.113).

Outra RD no texto do padre Ivo diz respeito ao uso do petum (*Nicotiana tabacum*) que era utilizado em rituais religiosos pelos indígenas maranhenses: "Tomava uma grande, taboca de bambu, enchia-a de petum, deitava-lhe fogo numa das extremidades, e depois soprava a fumaça sobre os selvagens dizendo recebi a força do meo espirito, e por elle gozareis sempre saude, e sereis valente contra vossos inimigos." (D'Evreux, 1874, p.187).

3.3 Procedência

Quanto à procedência das plantas, 83,3% (n=14) são compostas por espécies nativas e, 17,6% (n=3) formadas por espécies exóticas registradas, são elas: Manona (*Ricinus communis*), Milho (*Zea mays*) e Petun (*Nicotiana tabacum*) totalizando 17,6% (n=3). A seguir, relação completa com as respectivas famílias botânicas, nome científico, RD, procedência e uso estão dispostas no Quadro 1.

Quadro 1 - Referências diretas (RD) citadas na obra do padre Ivo D'Evreux das plantas encontradas no Maranhão durante o século XVII, seguidas das respectivas identificações botânicas em nível de famílias, nome científico, RD, procedência e usos: alimentação humana (1), medicinal (2), utensílios (3), corante (4), tóxica (5), vestuário (6), construção (7), óleo/azeite (8), madeira (9), fumo (10), aspectos religiosos (11).

Nº	Família Botânica	Nome Científico	RD	Procedência	Uso
01	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Nativa	1
02	Arecaceae	<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucu	Nativa	3
03		<i>Attalea speciosa</i> Mart.	Pindoba;Palma	Nativa	1,7,8
04	Bignoniaceae	<i>Crescentia cujete</i> L. 1753	Cuias	Nativa	3
05	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L. 1753	Urucú	Nativa	1,8
06	Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand 1873	Almecega	Nativa	2
07	Cucurbitaceae	<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	Cabaças	Nativa	3
08	Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz. 1766	Mandioca	Nativa	1
09		<i>Ricinus communis</i> L. 1753	Manona	Exótica	8
10	Poaceae	<i>Zea mays</i> L. 1753	Milho	Exótica	1
11		<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. ex J.C. Wendl. 1808	Taboca de bambu	Nativa	3
12	Passifloraceae	<i>Passiflora</i> L.	Flor da paixão	Nativa	11
13	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L. 1753	Jenipapo	Nativa	1,8
14	Rhizophoraceae	<i>Rhizophora mangle</i> L. 1753	Apparituries (Mangues)	Nativa	7,9
15	Solanaceae	<i>Nicotiana tabacum</i> L. 1753	Petun	Exótica	10,11
16	Indeterminada	Não identificada	Acaiukantin	Nativa	7,9
17	Indeterminada	Não identificada	Muay	Nativa	1

Fonte: Autores (2022).

4. Discussão

As famílias botânicas Arecaceae, Euphorbiaceae e Poaceae também tiveram maior representação em outros trabalhos relacionados à etnobotânica histórica do Maranhão como em Linhares et al.(2022), sobre história natural das plantas da ilha do Maranhão e regiões vizinhas do século XVII segundo a obra do Frei Claude d'Abbeville e Linhares et al. (2019), ao analisarem a obra do Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres sobre as plantas do Maranhão do século XIX.

Espécies da família Arecaceae, possuem um grande valor utilitário para comunidades indígenas (Balick, 1984). Zambrana et al. (2007), destacam que essa família botânica tem uma ampla importância devido aos seus diversos usos.

Não obstante, algumas espécies utilizadas para alimentação humana encontradas na obra do padre Ivo D'Evreux como a mandioca, o caju, e o jenipapo, de acordo com Tomchinsky & Ming (2019), também foram descritas pelo capuchinho Claude d'Abbeville em sua obra intitulada 'História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças' (1614).

A mandioca, por exemplo é uma espécie tradicionalmente cultivada pelos povos indígenas que foi amplamente utilizada durante o período da colonização devido ao uso alimentar dado a essa planta (Brandão, 2010).

Para usos relacionados à construção, Linhares et al. (2018) destacam o uso da pindoba (*Attalea speciosa*). Navarro et al. (2021), relatam também a utilização de cuias feitas a partir de *Crescentia cujete*, pelos Tupinambás, na fabricação de utensílios domésticos.

No que diz respeito à utilização do Petun (*Nicotiana tabacum*), Gaudêncio et al. (2020) relatam que essa erva foi a mais propagada na América durante a colonização onde era utilizada nos rituais e no dia a dia dos povos nativos. De Oliveira (2019), aponta que no meio cultural dos nativos, o uso de vegetais muitas vezes está relacionado ao sagrado, pois, os nativos determinam a saúde por uma relação entre a natureza e o homem.

Além disso, Levi-Strauss (1989), destaca que comunidades nativas possuem um “aguçado senso das árvores características” do próprio ambiente na qual estão inseridas.

Dessa forma, Toledo e Barrera-Bassols (2015), destacam que culturas locais interagem com seu próprio ecossistema local e suas biodiversidades, resultando assim em uma infinidade de interações complexas e específicas.

Com relação às plantas exóticas encontradas na obra, a mamona e o milho também foram registradas nas obras dos missionários Cristóvão de Lisboa (séc. XVII) e Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres (séc. XIX) (Linhares et al. 2021). No caso da mamona sendo de origem africana, sua introdução no Brasil se deu durante a colonização portuguesa a partir da vinda de africanos escravizados (Mazzani, 1983). Nesse sentido, o historiador Warren Dean (2002), destaca que as plantas que melhor se aclimataram no Brasil durante a sua colonização eram de procedência africana ou sul-asiática. Por outro lado, o milho (*Zea mays*), de origem mexicana (Harshberger, 1893; Piperno et al., 2009) durante o período colonial teve o seu consumo de forma crescente entre europeus, povos nativos e africanos escravizados (Melchior, et al. 2020).

5. Conclusão

Muito embora os resultados obtidos na pesquisa não serem numericamente expressivos, reforçam a importância que algumas das espécies ainda possuem no presente, sobretudo no meio rural das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Outro aspecto que merece ser destacado, diz respeito a existência de espécies exóticas, o que podemos inferir que a circulação de plantas por seres humanos antecede aos primeiros registros do colonizador europeu no Maranhão, nesse sentido, estudos específicos se fazem necessários.

Por outro lado, apesar da importância que pesquisas dessa natureza representem para o resgate da flora pretérita de uma região, apresentam algumas dificuldades metodológicas em termos da elucidação da identidade botânica à luz da nomenclatura botânica atual. Na medida que parte das fontes documentais são destituídas de ilustrações, que, combinado a isso, as descrições encontradas nas obras pesquisadas nem sempre são suficientes para a elucidação da identidade botânica.

Nesse sentido, antes que essas dificuldades metodológicas se coloquem em alguma medida, como um obstáculo para o avanço de pesquisas dessa natureza, muito pelo contrário, o investimento na busca de novas fontes documentais nos ajudarão a interpretar com maior robustez, a identidade botânica de um maior número de espécies, bem como, seus usos e procedências.

Estudos dessa natureza podem se somar a outros campos do conhecimento e ajudar pesquisas de caráter multidisciplinar, como por exemplo: estudos destinados ao centro de origem e dispersão de espécies, domesticação, deslocamentos humanos, extinção de espécies locais, aproveitamento da biodiversidade para o desenvolvimento de novos produtos, entre outras possibilidades.

Por fim, ressaltamos para a necessidade de incrementos em pesquisas documentais dentro de um viés decolonialista, na medida que vários processos de autorreconhecimento de povos indígenas estão em curso na atualidade e, estudos dessa natureza, podem servir como um instrumento de reconstrução e resgate de saberes ancestrais.

Referências

- Albuquerque, U. P., Ferreira Júnior, W. S., Ramos, M. A., & Medeiros, P. M. (2022). *Introdução à Emobotânica*. Interciência.
- Amoroso, M. R. (1998). Mudança de hábito: Catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(37), 101–114. <https://doi.org/10.1590/s0102-69091998000200006>
- Balick, M. J. (1984). Ethnobotany of palms in the neotropics. *Advances in Economic Botany* 1, 9-23.
- Brandão, A. F. (2010). *Diálogos das grandezas do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- Bettendorff, J. F. (2010). *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- Betts, La Vera. (1981). *Dicionário Paritintin-Português*. Sociedade Internacional de Linguística/Departamento de Programas Linguísticos, Cuiabá.
- Bosi, A. (1992). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brummitt, R. K. (1992). Powell, C. E. (editors). Authors of plant names. A list of authors of scientific names of plants, with recommended standard form of their names including abbreviations. Royal Botanic Gardens, Kew: 1992. Pp [4], 732. ISBN: 0-947643-44-3. *Archives of Natural History*, 21(1), 141–141. <https://doi.org/10.3366/anh.1994.21.1.141a>
- D'Abbeville, C. (2008). *História da missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas / Claude d'Abbeville*; tradução de Sérgio Milliet. - Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.
- Dean, W. A. (2002). Botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial. *Estudos Avançados*, ieA/usP. <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/deanbotanicaimperial.pdf>
- D'Evreux, Ivo. (1874). *Viagem ao Norte do Brasil Feita nos Anos de 1613 a 1614, Pelo Padre Ivo D'Evreux*. Tradução de César Augusto Marques. Maranhão.
- De Oliveira, M. D. (2019). A Religiosidade Popular Interligada com o Poder Curativo das Plantas. *Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia*, 7(2), 31-38. <https://revista.fasem.edu.br/index.php/fasem/article/view/180>
- Edelweiss, F. G. (1969). *Estudos Tupis e Tupis-Guaranis: confrontos e revisões*. Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro.
- Flora e Funga do Brasil (2022). Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/>
- Garcia, R. (1927). Palavras e frases da língua tupi, contidas na “Histoire de la mission des pères capucins em l'isle de Maragnan et terres circonvoisines”, do padre Claude D'Abbeville. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, vol. 148, p. 5-100. <http://www.etnolingua.org/biblio/garcia-1927-glossario>
- Gaudêncio, J. S., Rodrigues, S. P. J., & Martins, D. R. (2020). “Índigenas brasileiros e o uso das plantas: saber tradicional, cultura e etnociência”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, no 9, pp. 163-182. <https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/171134>
- Harshberger, J. W. (1893). *Maize: A Botanical and Economic Study*. Pensilvânia: Universidade da Pensilvânia Press.
- Jesus, J. P., & Silva, G. R. da. (2021). Diversidade cultural brasileira advinda do processo de colonização. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(12), 890–906. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i12.3535>
- Kury, L., & Sá, M. R. (2009). Flora Brasileira, Um Percurso Histórico. In: Martins, A. C. I. (Org.). *Flora Brasileira: História, Arte e Ciência*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 22.
- Levi-Strauss, C. (1989). *O Pensamento Selvagem*. Papyrus.
- Leite, M. L. M. (1995). Naturalistas viajantes. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online].1(2), 7-19.
- Linhares, J. F. P., Rodrigues, M. I. D. A., & Pinheiro, C. U. B. (2022). História natural das Plantas da Ilha do Maranhão e regiões vizinhas dos Estados do Maranhão e Pará no século XVII segundo a obra do Frei Claude d'Abbeville. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico*. 30. 1-15.
- Linhares, J. F. P., M. I. A. Rodrigues, P. F. Freitas, & C. U. B. Pinheiro. (2018). Etnobotânica Histórica das Plantas do Maranhão no Século XVII Baseada na Obra de Cristóvão de Lisboa. *Biota Amazônia* 8:15–18.10.18561/2179-5746/biotaamazonia.v8n3p15-18.
- Linhares, J. F. P., Rodrigues, M. I. D. A., & Pinheiro, C. U. B. (2019). História natural das plantas do Maranhão (Brasil) no século XIX segundo a obra do Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. *Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais*, 14(2), 209–221. <https://doi.org/10.46357/bcnaturais.v14i2.175>
- Mazzani, B. (1983). Euforbiáceas oleaginosas Taitago. In: Mazzani, B. *Cultivo y mejoramiento de plantas oleaginosas*. Caracas, Venezuela: Fondo Nacional de Investigaciones Agropecuarias, 1983. p. 277-360.
- Meireles, M. M. (1977). *História da Arquidiocese de São Luís do Maranhão: no tricentenário de criação da Diocese*. Universidade do Maranhão/ SIOGE.
- Medeiros, M. F. T., & Albuquerque, U. P. (orgs.). (2013). *Dicionário brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia*. NUPEEA.
- Medeiros, M. F. T. (2009). *Etnobotânica Histórica: Princípios e Procedimentos*. NUPEEA.

- Melchior, M., & Sulis, M. (2020). Grãos sacralizados: notas sobre a difusão popular do milho a partir do seu uso simbólico em rituais religiosos. *Revista Ingesta*, 2(1), 118-136. <https://doi.org/10.11606/issn.2596-3147.v2i1p118-136>
- Miranda, V. C. (1942). Estudos sobre o Nhêengatú. In: Rodolfo Garcia. *Exotismos franceses originários da Língua Tupi*. Volume LXIV. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Missouri Botanical Garden's VAST (VAScular Tropicos) nomenclatural data base – W3 Tropicos (2022). <http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>.
- Guida Navarro, A., Givago, A. S. M. Y., Costa da Conceição, K. C., & Dourado Oliveira, A. (2021). Os Tupinambá na Ilha do Maranhão. Fênix - *Revista de História e Estudos Culturais*, 18(1), 214–235. <https://doi.org/10.35355/revistafenix.v18i1.1058>
- Dos Santos Peixoto, J. (2020). contato do português com as línguas indígenas brasileiras: Considerações sobre o desenvolvimento de L2. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 12, 37–64. <https://doi.org/10.26512/rbla.v12i1.29723>
- Piperno, D. R., Ranere, A. J., Holst, I., Iriarte, J., & Dickau, R. (2009). Starch grain and phytolith evidence for early ninth millennium B.P. maize from the Central Balsas River Valley, Mexico. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 106(13), 5019–5024. <https://doi.org/10.1073/pnas.0812525106>
- Posey, D. A. (1986). *Etnobiologia: teoria e prática*. In: Darcy Ribeiro (Org.) *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis: Vozes/FINEP.
- Torrão Filho, A., & Rincon Caires, D. (2012). A alma de uma cidade: natureza e cultura na frança equinocial na visão de claude d'abbeville. *História: Questões & Debates*, 57(2). <https://doi.org/10.5380/his.v57i2.30562>
- Tomchinsky, B., & Ming, L. C. (2019). As plantas comestíveis no Brasil dos séculos XVI e XVII segundo relatos de época. *Rodriguésia*, 70. <https://doi.org/10.1590/2175-7860201970040>.
- Toledo, V. M., & Narciso Barrera-Bassols (2015). *A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. 1a ed. Rio de Janeiro, RJ.
- The International Plant Names Index – IPNI (2022). <https://www.ipni.org/>
- Valle, L. S., Medeiros, M. F. T., & Pinto, L. J. S.(2018). Relatos históricos e sustentabilidade: um campo de possibilidades fundamentado na etnobotânica. In: Santos, M. G., and Quintero, M., comps. *Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp. 168-182. ISBN: 978-85-7511-485-8. <https://doi.org/10.7476/9788575114858.0010>.
- Vásquez, S. P. F., Mendonça, M. S., & Noda, S. do N. (2014). Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica*, 44(4), 457–472. <https://doi.org/10.1590/1809-4392201400423>
- Zambrana, N. Y. P., Byg, A., Svenning, J.-C., Moraes, M., Grandez, C., & Balslev, H. (2007). Diversity of palm uses in the western Amazon. *Biodiversity and Conservation*, 16(10), 2771–2787. <https://doi.org/10.1007/s10531-007-9218-y>